

## ***Murilo Mendes: Janelas para o caos***

I. C. Moreira, C. Hertz e M. Lucchesi

***Publicado em Poesia Sempre, nº 4, 23-30, 2001***

A poesia, sempre em busca de novas formas para o desconhecido, e a ciência, que freqüentemente se escora na linguagem matemática, possuem a mesma urgência em tentar decifrar o que não tem significado fixo e ainda não se pode alcançar. Hieróglifos, quase indecifráveis, podem transformar-se em versos ou ser representados por formas matemáticas puras – e na origem desses dois movimentos, as incertezas de uma realidade complexa que demanda várias faces. Ciência e poesia pertencem à mesma busca imaginativa, embora ligadas a domínios diferentes de conhecimento e valor. A visão poética cresce da intuição criativa, da experiência humana singular e do conhecimento do poeta. A ciência gira em torno do fazer concreto, da construção de imagens comuns, da experiência compartilhada e da edificação do conhecimento coletivo sobre o entorno material. As aproximações entre ciência e poesia revelam-se maravilhosas, dentro de um mesmo sentimento do mundo (*Claro enigma*, para Drummond, *Mundo enigma*, para Murilo<sup>1</sup>). A criatividade e a imaginação são o húmus comum de que se nutrem.

Nos tempos atuais, em que a ciência e a tecnologia impregnam profundamente nossa cultura e permeiam todo nosso cotidiano, com seus benefícios extraordinários mas também com suas mazelas, a poesia poderia parecer a alguns cientistas ortodoxos como que um anacronismo. Mas, talvez as muitas pequenas verdades científicas constituem apenas uma abordagem incompleta e limitada do mundo. Necessária, mas insuficiente para o embate com o caos da vida moderna. Relembremos o alerta de Einstein: "Não superestimem a ciência e seus métodos quando se trata de problemas humanos!" A poesia e a arte parecem constituir necessidades urgentes de afirmação da experiência individual, uma visão complementar e indispensável da experiência humana. Murilo grafitava para Maiakovski:

Um cosmonauta cantando dá volta ao cosmos  
Enquanto eu desfaço a barba.

<sup>1</sup> MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Constrói-se a décima musa  
Economia dirigida Unatotal  
Que deverá mover o homem novo

Planifica-se nos laboratórios  
A futura direção dos ventos  
Extrai-se a energia das algas  
Opera-se o sol

Eletrifica-se a eternidade  
Reversível

Entretanto

O PLANETA NÃO ESTÁ MADURO  
PARA A ALEGRIA<sup>2</sup>

Em quase todos os ramos da árvore da ciência, um dos conceitos centrais no entendimento dos fenômenos naturais é o da evolução no tempo. Este é considerado, dentro da visão clássica, como um parâmetro essencial de referência, unidimensional, ordenado e contínuo, que flui independentemente de seu entorno. Essa concepção tornou-se, a partir do século XVII, profundamente entranhada na física e se espraiou para outros domínios da ciência. Com o advento da teoria da relatividade, no início do século XX, no mesmo período em que os artistas estilhaçavam também as concepções espaciais e temporais precedentes, gerou-se uma ruptura nos conceitos de espaço e tempo absolutos e independentes do observador. Permaneceram a continuidade do tempo e seu papel evolucionário básico. Em modelos cosmológicos mais recentes, ele pode adquirir, no entanto, propriedades novas e inesperadas. O retorno no tempo, embora uma possibilidade matemática que insufla a imaginação, lança reptos aos teóricos da ciência, mas a natureza parece não querer ouví-los e tem preservado galhardamente esta restrição.

A poesia, por sua vez, também lida com realidades abstratas e não lineares, mas pode atravessar limites imaginários e instaurar territórios instáveis e caóticos. Fronteiras podem ser reinventadas e mesmo o tempo pode assumir uma dimensão maior, pois passado, presente e futuro, em poesia, não precisam estar distantes nem ordenados. E essa realidade múltipla, com infinitos significados que jamais se fixam, podem surgir nos versos de Murilo - seja na brincadeira com o pião ou no desmonte do besouro -, como na estrofe 6 de “Janela do Caos”:

<sup>2</sup> “Grafito para Vladimir Maiakovski”. *Convergência*. Ibid., p. 659.

A infância vem da eternidade.  
Depois só a morte magnífica  
– Destruição da mordaza:

E talvez já a tivesses entrevisto  
Quando brincavas com o pião  
Ou quando desmontastes o besouro.

Entre duas eternidades  
Balançam-se espantosas  
Fome de amor e a música:  
Rude doçura,  
Última passagem livre.

Só vemos o céu pelo avesso.<sup>3</sup>

Os versos do poema de *Poesia Liberdade* apontam para uma dimensão maior, com uma percepção do tempo que abarca a eternidade – um tempo sonhado que o poeta reconhece. As palavras recusam-se a aceitar limites ou formas fixas. A morte, que está próxima a infâncias e nascimentos, oferece a possibilidade de romper a *mordaza* do tempo e resta apenas a inevitável perplexidade frente a uma realidade viva, que se multiplica e rejeita amarras. O *céu pelo avesso*, o tempo que não é mensurável – os versos não deixam dúvida, sentidos e significados irão, inevitavelmente, escapar e resta apenas a possibilidade de aceitar essa realidade pelo avesso e sempre instável.

Em "Indicação", o poeta volta a se confrontar com o tempo:

Sim: o abismo oval atrai meus pés.  
Leopardo familiar, a manhã se aproxima.  
Preciso conhecer em que universo estou  
E a que translações de estrelas me destinam.  
Em três épocas me observo sustentado:  
Na pré-história, no presente e no futuro.  
Trago sempre comigo uma morte de bolso.  
Assalta-me continuamente o novo enigma  
E uma audácia imprevista me pressinto.  
Arrasto minha cruz aos solavancos,  
Tal profunda mulher amada e odiada,  
Sabendo que ela condiciona minha forma:  
E o tempo do demônio me respira.  
Gentilíssima dama eternidade  
Escondida nas raízes do meu ser,  
Campo de concentração onde se dança,  
Beatitude cortada de fuzilamentos...  
Retiram-se o véu que sei de mim.  
Ontem sou, hoje serei, amanhã fui.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> “Janela do caos”. *Poesia liberdade*. Ibid., p. 437.

<sup>4</sup> “Indicação”. *Parábola*. Ibid., p. 545-546.

Com o sucesso da mecânica clássica, entre os séculos XVII e XIX, onde a evolução temporal dos sistemas se expressa nas leis de Newton, estabeleceu-se um paradigma descritivo para outras áreas do conhecimento. Ele possibilitou também o surgimento de uma concepção de determinismo estrito, exposta claramente por Laplace, em 1814, que pretendia a previsibilidade absoluta para o comportamento de um sistema, se sua situação ou estado inicial fosse conhecido com exatidão. No seu *Ensaio Filosófico Sobre as Probabilidades*, escreveu:

Devemos, portanto, ver o estado presente do universo como o efeito de seu estado anterior, e como a causa daquele que virá. Uma inteligência que, em qualquer instante dado, soubesse todas as forças pelas quais o mundo natural se move e a posição [e a velocidade] de cada uma de suas partes componentes, e que tivesse também a capacidade de submeter todos esses dados à análise matemática, poderia encompassar na mesma fórmula os movimentos dos maiores objetos do universo e aqueles dos menores átomos; nada seria incerto para ele, e o futuro, assim como o passado, estaria presente diante de seus olhos....

O extraordinário sucesso da física clássica na previsão do movimento dos corpos celestes, sua aplicabilidade no estudo do comportamento dos corpos sólidos terrestres e no desenvolvimento das máquinas, aparatos construídos para serem estritamente previsíveis e periódicos, contribuíram para o fortalecimento das concepções mecanicistas. Essa visão determinista começou, contudo, a ser abalada pela introdução dos métodos estatísticos dois séculos atrás; a origem dos estudos probabilísticos ocorrera anteriormente no âmbito das tentativas de aplicação da matemática às ciências sociais. A emergência da física quântica, nas primeiras décadas do século passado, viria a atingir com muito maior intensidade as concepções vigentes sobre o determinismo ao atribuir um caráter essencialmente probabilístico à descrição dos fenômenos microscópicos.

Na segunda metade do século XIX, o surgimento do conceito de entropia, introduzido como padrão de medida para a desordem crescente de um sistema natural, cristalizou a perspectiva de um caos terminal: a morte térmica do mundo. A ciência parecia dar as mãos às concepções religiosas de uma conflagração final, sem perceber que tais especulações estavam baseadas em determinado modelo de sistema fechado, a que o universo poderia não querer se adaptar. Esta noção de caos final, entremeada com a do caos primordial, habitava já a cultura, a filosofia e o discurso poético. A

desordem caótica inicial, da qual emergira o cosmos, poderia retornar no final dos tempos, mesmo que em forma dissimilar. O uso poético da imagem científica e o uso científico do discurso e da imaginação poética, recordemos Lucrécio, são expressões dialéticas da mesma criação humana.

Em “Estudo para um caos”, de *As metamorfoses*, a realidade associada ao caos, com sua força desmedida e sua música imprevisível, revela-se ao olhar de Murilo Mendes, nas imagens arquetípicas que aparecem em seus versos.

O último anjo derramou seu cálice no ar.  
Os sonhos caem na cabeça do homem,  
As crianças são expelidas do ventre materno,  
As estrelas se despregam do firmamento,  
Uma tocha enorme pega fogo no fogo,  
A água dos rios e dos mares jorra cadáveres.  
Os vulcões vomitam cometas em furor  
E as mil pernas da Grande dançarina  
Fazem cair sobre a terra uma chuva de lodo.  
Rachou-se o teto do céu em quatro partes:  
Instintivamente eu me agarro ao abismo.  
Procurei meu rosto, não o achei.  
Depois a treva foi ajuntada à própria treva<sup>5</sup>.

O caos do poeta traz a impossibilidade de ser compreendido. Há a exigência de um novo aprendizado sensorial, para que se enxergue o invisível, para que se percebam as realidades que nos escapam. Os versos apontam para realidade instáveis e assustadoras, marcadas por trevas, repletas de imagens desconexas, estilhaçadas e múltiplas – o poema não se pode fazer de outra matéria, pois os abismos orgânicos e assustadores com que o poeta se depara apontam para este caos original/terminal, com a toda a sua dimensão mítica.

Em anos recentes, novas idéias na física e na matemática e o avanço das técnicas, em particular o surgimento dos computadores, levaram a um grande desenvolvimento no conhecimento dos *sistemas não lineares* (sistemas cujas respostas não são proporcionais aos estímulos), que podem apresentar comportamentos caóticos e complexos. Isso veio a abalar pressupostos deterministas longamente acalentados na física clássica e nas áreas de influência de seu modelo paradigmático. A palavra *caos* recebeu, nas ciências físicas, um significado novo, mais específico: refere-se à propriedade de sistemas que apresentam grande sensibilidade a pequenas variações nas suas condições iniciais (*caos determinístico*). Isto significa que as incertezas

<sup>5</sup> “Estudo para um caos”. *As metamorfoses*. Ibid., p. 334.

experimentais, sempre presentes em qualquer mensuração física, crescerão muito rapidamente com o passar do tempo e levarão a uma impossibilidade de previsão exata (ou quase), mesmo no terreno da física clássica. Isso conduz ao surgimento de um comportamento aleatório que pode ocorrer mesmo em sistemas que, se pensava inicialmente, eram completamente determinísticos. Inúmeras aplicações do estudo dos sistemas caóticos têm sido encontradas em domínios que vão da cosmologia à meteorologia, passando pelas reações químicas e pelo funcionamento dos computadores.

O estudo dos sistemas *não lineares* trouxe também novos elementos de reflexão sobre uma questão fundamental na filosofia e na história das ciências: o papel do acaso e do necessidade no quadro conceitual construído pelo homem em sua tentativa de analisar e de prever o comportamento da natureza. O caos revela-se, ao mesmo tempo, velho e novo. A ordem emanando da desordem e vice-versa. E ambas como categorias instáveis e contextuais. Com o *caos determinístico* ressurgem o debate sobre o determinismo, o livre arbítrio, o significado das leis da natureza e nossa capacidade de prever os eventos futuros. Em "A Liberdade", Murilo proclama a liberdade e admira a ordem da eterna anarquia:

Um buquê de nuvens:

O braço duma constelação  
Surge entre as rendas do céu.

O espaço transforma-se a meu gosto,  
É um navio, uma ópera, uma usina,  
Ou então a remota Persépolis.

Admiro a ordem da anarquia eterna,  
A nobreza dos elementos  
E a grande castidade da Poesia.

Dormir no mar! Dormir nas galeras antigas!

Sem o grito dos naufragos,  
Sem os mortos pelos submarinos.<sup>6</sup>

Ao se estender o estudo de sistemas simples para sistemas constituídos de muitos elementos na física, verificou-se que podem apresentar novas propriedades, as *propriedades emergentes*, não contidas na escala inferior. Isso significa que o *todo é mais do que as partes*, seu funcionamento não está contido inteiramente na análise de

<sup>6</sup> "A liberdade". *As metamorfoses*. Ibid., p. 341.

suas partes isoladas. Isso aponta novas limitações da visão reducionista clássica. O termo *sistemas complexos* passou a ser utilizado para designar sistemas constituídos de muitos elementos que interagem de forma não linear; podem apresentar propriedades adaptativas e existe neles a possibilidade do aparecimento de situações de auto-organização, com a emergência de comportamentos coletivos novos.

Vemos surgir também, na poesia de Murilo Mendes, um caos que instaura novas realidades. O caos dos poemas, arquetípico, possui a capacidade de aproximar tempos ancestrais e futuros e revela-se seminal, parece ser a origem da própria poesia. “A inicial”, poema de *As metamorfoses*, com sua delicada marca do feminino, parece anunciar a renovação trazida pelos movimentos instáveis do caos renovado. Letra, mulher, vida e poesia – de uma realidade paralela, invisível, surge uma outra realidade, que não aceita ser controlada e toma a forma do poema em que as palavras se movimentam, com uma força sutil.

Os sons transportam o sino.

Abro a gaiola do céu,  
Dei vida àquela nuvem.

As criações orgânicas  
Que eu levantei do caos  
Sobem comigo  
Sem o suporte da máquina,  
Deixam este exílio composto  
De água, terra, fogo e ar.

A inicial da minha amada  
Surge na blusa do vento.  
Refiz pensamentos, galeras...  
Enquanto a tarde pousava  
O candelabro aos meus pés.<sup>7</sup>

Desse caos erguem-se *criações orgânicas*. Não poderia ser outro o universo que o poema cria, pois busca-se uma realidade em que seja possível reconhecer a face humana e, portanto, sempre imprevisível. Nos versos surge uma realidade que oscila, com imagens delicadas que misturam-se a muitas outras, e as palavras sempre a acompanhar o movimento instável desse caos que é a matéria da poesia. O poeta cria universos e instaura novas realidades, identifica esse caos que é a sua possibilidade de criar. O olhar do poeta precisa reconhecer as forças instáveis e vivas que precisam

<sup>7</sup> “A inicial”. *As metamorfoses*. Ibid., p. 338.

constituir seus versos e jamais busca coerência ou linearidade, por ser necessário o aprendizado de uma outra lógica.

*Desde a origem até o fim*: tempos díspares se aproximam, impossível deter o movimento. Caminha-se em direção ao desconhecido, os versos não podem escapar a esta direção. Abismos e incertezas, orgânicos e inorgânicos formam este caos que não possui tempo, assume sua dimensão mítica e, por ser inegavelmente seminal, instaura novas realidades e amplia o poema ao infinito. “Janela do Caos”, a abertura que o poeta identifica, sugere abismos e vertigens, pois pode-se apenas aceitar esse caos que o poema revela – e parece ser esta a Poesia que encontramos na obra de Murilo Mendes, que precisa se voltar para o caos, já que o poema se faz a partir do humano, do imperfeito, sobre falhas e fissuras. O poema trará sempre a marca de aberturas abissais, vertiginosas, e ainda incluirá angústia e esperança, sempre a ultrapassar limites, com a recusa insistente de toda e qualquer amarra. E assim, afinal, o poeta reconhece seus abismos e aceita a instabilidade da qual não pode escapar. Abre a sua janela e se depara corajosamente com o caos:

Pêndulo que marca o compasso  
Do desengano e solidão,  
Cede o lugar aos tubos do órgão soberano  
Que ultrapassa o tempo:  
Pulsção da humanidade  
Que desde a origem até o fim  
Procura entre tédios e lágrimas.  
Pela carne miserável,  
Entre colares de sangue,  
Entre incertezas e abismos,  
Entre fadiga e prazer.  
A bem-aventurança.  
Além dos mares, além dos ares,  
Desde as origens até o fim,  
Além das lutas, embaladores,  
Coros serenos de vozes mistas,  
De funda esperança e branca harmonia  
Subindo vão.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> “Janela do caos”. *Poesia liberdade*. Ibid., p. 439.